

## Os desafios de ser mulher no âmbito acadêmico

Uma das maiores ironias é buscar formular críticas da sociedade baseada em teorias contra hegemônicas quando estas estão repletas de caráter androcêntrico. Nesse sentido, a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel traz a alteridade em uma perspectiva de superação de práxis dominadora para uma práxis transformadora da realidade. Busca-se que *Outro* seja visto como distinto e não diferente, que seja enxergado como plural, e não anulado em um contexto de totalidade. No entanto, esses elementos são postos sempre de modo masculino: é o "homem latino americano", nunca a mulher ou a pessoa latinoamericana que precisa ser libertada e vivenciar um contexto de exterioridade. Além disso, difícil encontrar obras de pensamento descolonial ou teorias críticas latino americanas que tenham sido produzidas por mulheres, e por isso mesmo, o desenvolvimento de um olhar sobre as mulheres é marginalizado.

No âmbito da criminologia encontramos a mesma situação. Há muitas polêmicas envolvendo o início da criminologia, assim muitos estudiosos afirmam que a criminologia se iniciou com os clássicos liberais marcado pela obra de Beccaria. No entanto, excluem o livro "Martelo das Feiticeiras" do período medieval, o qual é um grande marco para se entender há quantos séculos a mulher é renegada pela sociedade androcêntrica. Esse primeiro ensaio criminológico justifica o poder punitivo do estado em matar mulheres consideradas bruxas no contexto da Inquisição por considerá-las seres de pouca fé, com fraquezas físicas e mentais, além de serem perversas e maliciosas.

Além do que, o desenrolar das escolas criminológicas se deu sempre pautado por autores homens em uma visão androcêntrica. Até mesmo as escolas criminológicas mais críticas que questionavam o papel seletivo do sistema penal, deixava a situação da mulher em escanteio. Para romper com esse paradigma, emerge-se uma teoria criminológica crítica feminista, no qual coloca os problemas de gênero contextualizados em um sistema machista. Portanto, a violência contra a mulher não é simplesmente uma mera lesão ou uma mera calúnia, e sim um problema cultural e estrutural.

Assim no âmbito acadêmico, urge darmos autoria sobre diversas teorias e lutarmos na construção de novos paradigmas, protagonizando discussões, debates, pesquisas, produções sobre o papel da mulher em diversos contextos. Mas sabemos que isso é apenas uma parte da luta do movimento feminista. Temos que romper paradigmas no trabalho, no ambiente doméstico e familiar, nos espaços coletivos, na política, na universidade, na escola, nas instituições religiosas e até mesmo nas questões amorosas e sexuais. Por isso os nossos desafios podem até serem muitos, mas unidas também o somos.

- Fernanda Marcondes (Embratel) - Direito, 3º ano

empoderar  
se apropriar de si  
reverberar

liberdade é se abrir  
e se amar

se descobrir protagonista  
da luta  
no dia a dia  
na labuta

quebrar paradigmas  
padrões  
não se dar por vencida

vão te acusar de ser a chata feminista  
nem liga  
você é rainha, diva e tem o controle da sua  
própria vida  
e isso os incomoda, irmã

mas continua assim  
cabeça erguida  
altiva  
pisando em atitudes machistas  
não tolerando esculhambações

e mulher, acredita  
a tua voz é a nossa voz  
a nossa voz é a sua voz  
você não está sozinha  
estamos juntas nesse turbilhão.  
de mãos dadas não sucumbiremos diante da  
opressão  
não passarão  
não nos humilharão  
não

permanecemos vivas  
como rios que se encontram  
fluiremos  
unidas.

- Dayana Pinto

# Material do Aluno

## Quando as pessoas param de reclamar, param de pensar.

**U**m Tabu que há dois anos vem sendo quebrado, hoje, já sofre ameaça de banalização. A greve tornou-se uma certeza terrível e ao mesmo tempo trivial. Seria preferível e politizado que esta fosse rechaçada veementemente e se tornasse uma escolha difícil, porém resoluto, do que se consumasse enquanto hipocrisia. Oito meses após ter mentido cheio de esperança diante do espelho, em uma assembleia preocupantemente calma que deliberou o início do processo reivindicatório, analiso com temor os próximos meses.

Ressalto, entretanto, que não devemos tomar o debate em uma perspectiva moralista e, simplesmente, condenar os 90% que se ausentaram da construção para “dormir tranquilo”, mas averiguar os motivos que levaram e que podem levar novamente a um esvaziamento político. Dissolver a culpa de forma individualizada e apelar para a “consciência do amigo” nada mais é do que ignorar uma transformação que deve ser pensada e feita conjuntamente, estimulada pelas instituições representativas.

O fato da última deflagração de greve ter sido sumária leva a duas hipóteses: ou o corpo estudantil não considera mais as reivindicações legítimas ou perdeu sua fé na possibilidade de protagonizar o movimento e efetivar mudanças, ainda que saiba serem estas extremamente necessárias.

A primeira ilação assusta bastante, visto que a universidade define. Todavia, não acredito ser este o motivo determinante.

Por outro lado, depois de um 2013 desgastante e um saldo positivo atacado com o dobro da força, logo no início de 2014, o imaginário discente foi abalado. É por isso que devemos olhar para nossos novos colegas cotistas e lembrar que, sim, a luta valeu a pena. É papel do movimento estudantil informar e divulgar nossas vitórias também.

Mais do que isso, pois, nem só de cantar glórias se vive, é necessário repactuar Estadualmente as instituições, os métodos e a pauta com os estudantes. Precisamos de instituições democráticas e representativas, não de uma minoria participativa, mas de todo o conjunto discente. Estas também devem reafirmar sua autonomia financeira e política das outras corporações para que não andemos a reboque. Os métodos têm de ser repensados, mais em termos temporais do que técnicos. A pauta deve equilibrar as lutas antigas e os novos desafios com realismo.

Estas tarefas parecem homéricas, contudo, é fulcral deglutir os processos por quais passamos para não cometermos o erro de, com medo de perder o trem, entrar em um que não somos maquinistas. Greve, sem dúvida, existirá. O que resta saber é se realmente será dos estudantes. E isso não pode ser determinado externamente. “Circunstâncias? NÓS criamos as circunstâncias.”<sup>2</sup> -após uma necessária reflexão.

<sup>1</sup> e <sup>2</sup> - Ambas as frases são atribuídas a Bonaparte.

- Raul da Silva Carmo (Mocassim) - Direito, 3º ano

## O Barco

**A** garrafa de gim estava muito longe do alcance de suas mãos, pelo menos naquele estado em que ele se encontrava. Aquele balançar contínuo do pequeno barco o fazia ter náuseas, aquele fim de tarde alaranjado lhe trazia não tão boas lembranças. E de que se lembraria, afinal? O vento frio e úmido soprava forte e constante.

Ele estava ali, deitado, naquelas tábuas molhadas e geladas do barco, de olhos ligeiramente fechados. As mãos sujas e feridas; o corpo queimado do sol; os olhos azuis fundos; o cabelo que não era cortado há muito tempo; a barba rala; os dentes gastos. Fisionomia cansada. Magro. Quantos anos ele tinha mesmo? Quarenta e seis? Talvez. A boca estava levemente entreaberta, a escorrer uma pequena gota de saliva no canto do rosto.

Levantou-se devagar, apoiando-se sobre os braços. Esgueirou-se até a proa e, de súbito, segurou-se no para-peito. O sol já estava se pondo e o mar agora estava ficando completamente escuro. Não que ele não estivesse acostumado àquela solidão de pescador, mas aquele dia, especificamente, estava lhe quebrando os ânimos.

“E se eu morresse agora? Aqui, no meio do mar, dentro desse barco? Quem iria sentir minha falta?”

Permaneceu ali parado a olhar o pôr do sol, até que ele se foi completamente. Cambaleou pela escuridão da pequena embarcação até encontrar a velha lanterna. Acendeu-a. Quanto mais tarde ficava, mais forte o vento soprava. A lua - cheia - iluminava o oceano, bem como o homem e seu barco. Iluminou inclusive seu semblante tristonho a procurar ofegante a garrafa de gim. Agora que ele já estava de pé, seria mais fácil alcançá-la.

Virou-a de uma só vez, e deixou que o álcool lhe corresse pela garganta. Sentiu aquele amargo, o qual se confundiu com o desgosto que trazia no peito.

“E se eu me jogar no mar? Quem daria falta de um velho pescador? Um velho cheio de álcool nas veias? Um velho imbecil.”

Cuspiu no chão, tomou mais um gole. Há muito que não possuía uma família. Seus pais morreram quando ele ainda tinha 13 anos. Desde o dia em que se foram, ele foi entregue sozinho à vida. Arranjou um barco e foi aventurar-se no mar.

A lua brilhava alta, oscilante. O barco continuava balançando. A lanterna ia queimando levemente, soltando sua fumaça no ar. E onde estava todo mundo? Eram só ele, as estrelas e o oceano ali. Sempre fora, e sempre seria. A roupa cheirava a peixe fresco. O suor pingava do rosto.

Até que o pescador apagou a lanterna e tirou os sapatos. Subiu na proa e atirou-se no mar.

A lua continuava a brilhar alta.

- Dona Iaiá, - Direito, 2º ano

# Material do Aluno

## Fumaça (Parte final)

### 3. Grave desperato.

**E**u já estava indo embora quando vi o Fiesta dobrar a esquina de baixo sem fazer questão de usar os freios. O carro passou por mim e parou alguns quarteirões à frente. Quando a mesma porta traseira se abriu, V. foi cuspada impiedosamente. No chão, pude vê-la parada de pernas meio abertas e olhando fixamente para cima enquanto o carro desaparecia no vórtex da madrugada. Estava escuro, era difícil entender se respirava, se gemia, se rezava, se chorava, se morria ou se apenas se recompunha antes de ir embora no mesmo ônibus. Acendi um cigarro e tomei fôlego para descrevê-la de perto. Três tragadas. Quase toda a fumaça para dentro dos meus pulmões e quase nenhuma para fora de mim. Nunca antes havia andado tão devagar.

As roupas baratas de V. estavam molhadas e sujas e rasgadas e fediam. Cigarros, merda, sangue, cerveja, saliva, urina, não sei ao certo. Suas orelhas estavam rasgadas e não tenciono imaginar em qual de seus possíveis orifícios os brincos haviam se perdido. Seu pescoço estava tomado por marcas nítidas de dedos e seus olhos outrora pequenos e bem protegidos por aquelas pálpebras pintadas agora me olhavam inchados e mendicantes. Seus dedos dos pés se contorciam num ensimesmamento de quem desiste da vida. Vi ausência onde antes costumava ver dentes. Vi duas poças de sangue onde antes via joelhos. Seus cabelos eram um emaranhado indecifrável de esperma e saliva. Cabelos de quem desistia da vida pela terceira ou quarta vez.

Três tiros. Ninguém pensa que vai amargar o fim da vida na rigidez impiedosa de uma calçada suja, nem que vai sentir insetos dos quais o nome você nem sabe passando pelos seus membros inertes. Lamento ter morrido sem chegar perto de entender por que aquela mulher olhava para o céu enquanto, comigo, também morria. Mirando o chão, eu nunca mais me mexi.

- Mina Vieira - História, 3º ano

## Pra ver a banda passar cantando coisas de greve

“Passei, passei no vestibular!”. É comum ouvir frases parecidas com esta no começo de cada ano. Nos primeiros meses do ano saem os resultados dos mais diversos vestibulares. Entre eles, o da UNESP. Muitos ingressantes adentram à Universidade com a mentalidade de um quase-conto-de-fadas. Mas, a realidade não é bem assim. Como diria Criolo “Aqui não é GTA, é pior, é Grajaú”.

A Universidade Pública é extremamente importante, pois, ela desempenha um papel essencial dentro de um País. Há, por exemplo, dentre outras, a função político-econômica do desenvolvimento nacional por meio da produção científica. Bem como existe, também, uma função transformadora com relação à emancipação humana. A Universidade Pública, num aspecto teleológico, deveria libertar a sociedade de preconceitos arraigados historicamente, deveria quebrar os grilhões de paradigmas retrógrados e, assim, ser protagonista na transformação individual das pessoas, bem como na evolução rumo a uma sociedade mais justa, solidária e igualitária.

Todavia, o mundo anda desconcertado há algum tempo, como defendia Camões. Digo isto porque, logo a Universidade Pública que possui este papel libertador que comentei acima, é a que mais cria entraves para a matrícula de filhos e filhas da classe trabalhadora. Isso é evidente quando analisado o vestibular. Este último atua como um filtro social bastante eficaz para as classes dominantes. Haja vista o pouquíssimo número de pessoas que possuem hipossuficiência socioeconômica no ambiente universitário. Mas, ainda assim, existem os teimosos que contrariam as estatísticas e furam o filtro do processo seletivo. - ah, ainda bem que nós, os teimosos, existimos! Porque senão...--.

Entretanto, o drama não acaba por aí. Mas, antes, faz-se primordial contextualizar. Em 2013 o Movimento Estudantil derrotou a “burrocracia” universitária e barramos o PIMESP. Com efeito, houve a implementação de cotas na UNESP. Por consequência, há um maior número de pessoas egressas da escola pública, o que é incrível! Bem como também há as cotas raciais. Estas também são relevantes. Graças a estas políticas de efetivação da Justiça e da Igualdade, a Universidade pinta-se, a passos de tartaruga, com as cores do povo - do povo sofrido, do povo que é sem garantias mínimas, do povo que quando têm direito é o acesso garantido ao cárcere e à repressão dos robôs fardados do Estado.

Antes mesmo da política de cotas, a Universidade já não dava conta da demanda dos necessitados da Permanência Estudantil. Agora essa demanda tende a crescer exponencialmente. Aí que o drama vira “nego drama”. A burocracia universitária não se preparou para isso. Faltam vagas na Moradia Estudantil. Tem gente ficando sem casa! Isso não é razoável, não é sensível, não é humano. É a falta de humanidade do Estado com quem mais precisa! Faltam bolsas de Permanência Estudantil, faltam auxílios para o aluguel falta livros na biblioteca, faltam tíquetes no R.U. Sobre passividade. Sobre arrogância.

Espero, por fim, que em ambientes coletivos, nós, estudantes, consigamos dialogar e debater formas de reverter, ainda que de forma lenta, mas eficaz, essa conjuntura caótica. Seja fazendo atos, paralisações ou greve. Para que possamos fazer do limão, uma limonada - de verdade - pro RU.

- Joao Vitor Dantas (Fita) - Direito, 4º ano



- UNESP Marília

# Material do Aluno

## Esporte Nacional do Queixume

Perplexos em face dos últimos escândalos e indignados com o estado geral da nação, queixemo-nos.

Queixemos dos governos, da corrupção, queixemo-nos da distribuição de cargos públicos, dos políticos os quais não votamos.

Queixemo-nos da saúde, da educação, da altíssima inflação e da carga tributária que tornam as coisas mais caras.

Queixemo-nos da podridão das instituições, do abuso das leis e da falta de regramento.

Queixemo-nos da burocracia e do jeitinho nacional.

Queixemo-nos dos benefícios aos pobres e dos auxílios aos ricos.

Queixemo-nos da lassidão geral do povo e - infelizmente! - da imensa distância que o separa dos norte-americanos e alemães.

Queixemo-nos dos sertões e das praias, das rodovias e dos aeroportos, da dimensão continental do país que atrapalha o desenvolvimento.

Queixemo-nos do verão, quando é quente demais, e do inverno, quando não é frio o bastante.

Mais pobres que fomos, podemos agora sossegadamente ouvir nossa música de raiz, contar piadas de português e discutir os rumos das personagens novelísticas.

- Bandeira Leminski - Direito, 5º ano

## E NO FRIGIR DOS OVOS

(Continuação)

A medida que os dias foram passando, o clima no galinheiro foi se tornando cada vez mais tenso. Apesar da crescente tensão, e embora tivesse sido feito líder, o pavão continuou a visitar o galinheiro apenas durante o dia. Passava suas noites no mundo dos pavões, onde, aliás, tudo ia muito bem e em paz. Os galos e galinhas percorriam o terreiro afobados, espalhando notícias desencontradas, proclamando idéias confusas e dando ouvidos a todo tipo de boato enquanto os jovens, atordoados e histéricos, andavam em círculos pelo pátio comemorando sua fome. A confusão se instaurou na granja e, já que falamos em confusão, é natural que ali estivesse também o garnisé, quase sempre discutindo entre os seus. Quando o pavão aparecia, o clima se abrandava um pouco, mas, com o tempo, nem mais a presença pavonal era capaz de garantir algum consenso.

Preocupado com a duração daquela greve, o chefe do galinheiro decidiu levar a questão ao alto conselho dos galináceos a fim de que lhe ditassem o que fazer a respeito do levante das galinhas. O alto conselho foi convocado e o galo ausentou-se da granja por alguns dias para se encontrar com outros chefes. Ao ficar sabendo do encontro, o pavão, já de penas trocadas, viu ali uma oportunidade de apresentar sua nova cauda. Planejou uma apresentação como nunca antes vista no alto conselho, uma apresentação digna de um astro, de um líder, um desfile e um discurso capazes de impressionar até os galos mais velhos do conselho. Preparou-se para o espetáculo, mas, ao chegar às portas foi surpreendido. O pobre pavão não conseguia entrar. Sua cauda era tão grande que não passava pelo umbral. Como poderia, em um mundo tão pequeno como o das galinhas, um pavão, tão majestoso em sua cauda e suas plumas, passar por uma porta tão estreita? Talvez se ele se espremesse ou se apertasse um pouco conseguisse entrar, mas o pavão estava resolutivo, determinado a sequer abaixar sua crista. Entraria erguido, de peito inflado e traje impecável. Contudo, sequer chegou a tentá-lo. Os que o acompanhavam, em especial sua amiga penosa, cogitaram a hipótese de aumentar a porta para fazer passar o pavão. Enquanto isso, lá dentro, o conselho se reunia para decidir sobre o nada, afinal, o que pode determinar um conselho quando estão todos submetidos aos caprichos de um granjeiro imprevisível? Seja como for, o pavão não adentrou ao recinto, permaneceu na porta, incapaz de entrar, agitando nervosa e compulsivamente sua enorme cauda, furioso e ofendido.

Decidiu então regressar ao galinheiro antes que sua imagem e seu orgulho saíssem ainda mais feridos por conta daquele episódio. Não esperava contudo, que essa história seria tomada como uma bandeira de sua luta, uma prova de coragem e um símbolo de sua resistência. Com efeito, junto com o pavão, chegou também a notícia de que o granjeiro, cansado daquela situação e temendo maiores prejuízos, ameaçara um abate geral. Nem foi preciso ver as facas afiadas, bastou que se falasse em abate para que todos se desesperassem. Em segundos, o pânico se alastrou pelo galinheiro. As galinhas, já com as cloacas entupidas, depois de longo tempo sem botarem, temeram por suas vidas e seus futuros, por mais miseráveis que pudessem ser. Como dizia uma velha máxima do mundo das poedeiras, é melhor um ovo no cesto do que uma galinha na panela. Nesse ponto, nada havia que pudesse ser feito, nem mesmo pelo pavão, que decidiu não mais interferir, cansado que já estava da brincadeira e um tanto magoado pelo mais recente episódio.

- Aristófares de Heraclião - Direito, 5º ano



# Material do Aluno

## Somos todos terroristas

**S**ou Abdul, 22 anos, parisiense, francês, muçulmano, gosto de absinto, futebol, sonho em conhecer o Rio, admiro as turistas alemãs e italianas que povoam Paris todos os verões em busca de um grande amor que não existe nessa cidade de solitários. E como muçulmano, de tez morena, sou, também, uma vítima do terrorismo moral, físico, religioso, psicológico que assola todos os franceses descendentes de magrebinos como eu.

Era aterrorizado ao longo da minha carreira escolar, concluída com muito custo apesar de toda descrença generalizada em relação a um neto de algerianos que dominava Matemática sem estudar. Ali, naquele liceu segregador, onde definem, sumariamente, quem será entregador de pizza, quem irá estudar Medicina ou Direito, era vítima do terror de professores que diariamente me indagavam, em tom irônico, porque estudava tanto se tinha talento para dirigir um táxi ou um ônibus circular.

Cresci sendo aterrorizado e ainda sou, se saio para correr à noite pelo centro de Paris. Me perguntam se busco uma vítima para furtar, surpreendem-se com meu francês fluente, me sugerem que volte à África. E mesmo em Clichy-sous-Bois, subúrbio onde nasci, se passeio com minha namorada normanda loira, alta, magra, europeia de estereótipos, ainda sou vítima de terrorismo: querem saber se Alice é prostituta, se trabalha para mim, olhamos como se tivéssemos assinados nossos pais. E esse olhar, também me foi dirigido quando, ao esperar um trem para Marselha, disse a um colega de estação, que discordava da ocupação francesa do Mali, e da intervenção na Líbia: um olhar, um par de algemas, 10 horas na delegacia por uma opinião. E minha liberdade de expressão?

Ela não existe, nunca existiu. Agora invocada vulgarmente pelos defensores de valores republicanos, esse direito, que foi imposto ao mundo sem considerar culturas e tradições africanas e asiáticas, sempre habitou as fronteiras relativas construídas por valores ditados de acordo com a vontade do Ocidente. Aquilo que no século XIX era uma campanha livre por valores nacionalistas e democráticos, apesar de difamatória contra judeus, por meio de charges e colunas na Europa e nos EUA, hoje seria considerado antissemitismo.

Na América, lutavam agressivamente contra a massa semita imigrante fugida dos pogrom socorridos no Leste Europeu. Aqui, na França, acusavam-lhes de antipatrióticos, que lembremos, então, o caso Dreyfuss para sanar a dúvida. Fazem com nós muçulmanos, aquilo que fizeram com judeus, trata-se de antissemitismo, uma outra de muçulmano, tem-se um ato em defesa da República e do livre pensar.

Igor Val (Macaca) - 3º ano, Direito

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Me pegando pensando cada vez mais no rumo que estamos tomando, a cada dia que passa o mundo gira e eu não. As drogas mudaram, a brisa não é mais o ácido, a maconha nem o pó. O negócio agora é uatizápi e que tesão me dá só de imaginar o assobiozinho do celular! Que atire a primeira pedra quem não souber do que estou falando.

Vou acordar hoje e dar um tiro de Face só pra tentar descobrir as 25 coisas que só quem tem o iPhone 5 vai entender...talvez eu ria, talvez não, se não eu tento descobrir como eu me sinto quando...quando sei lá, eu já nem sei mais como eu me sinto. Aliás tomara que publiquem isso no Face, papel é tão antiquado, não tem luzinha, não é touch nem faz assobio. Mas se nada disso der certo quem sabe olhar uma foto do que minha amiga lá dos EUA comeu no café da manhã vai me deixar #feliz, se não eu vejo um que tá na Holanda, outra na Espanha e tem gente até na Bahia... aí sim! Como me interessa a vida alheia!

Ainda buscando meu prazer vou jogar no Google "frases de efeito de pensadores", afinal se eu escolher uma boa umas 50 curtidas eu consigo...devo conseguir. Ah! E não tem nada mais gostoso que sentir aquela aprovação coletiva quando clicam na mãozinha que tanto pode dizer "achei legal" quanto "aham, isso aí fera (y)". E agora, como eu vou saber o porque de cada clique? Não importa. Vou tentar minha própria instafoto...só não posso esquecer de caprichar no filtro...mas mesmo assim se eu errar #eu #ponho #um #monte #de #REICH #tag.

As vezes me sinto tão perdido, tão fora de época como se eu fosse um android,afinal, em terra de smartphone quem tem o da Apple é rei, mas só por um dia porque amanhã meu pai vai pra Miami e vai trazer o iPhone 35 que pega debaixo d'água pra quando você estiver no mar você conseguir tirar uma instafoto e mandar pro seu amigo que tá lá na areia...

Se capricharem mesmo, já que o objetivo parece ser realmente acabar com as relações interpessoais, eles colocam um modo vibrador bom o suficiente...aí a gente não precisa nem se encostar mais.

Tédio...ainda bem que postam algo novo a cada segundo no feice, se não eu ia ter que conversar com a boca...lembra? E não posso esquecer de pagar a NET se não me dá dor de cabeça, ânsia, irritação, tremedeira, que nem drogado quando fica dois dias sem fumar unzinho.

Acho que estou ficando obsoleto...vou pedir pro papai e pra mamãe fazer um Morre Diabo 5 S... quem sabe esse é touch? Se vibrar então melhor ainda! Será que #pegabem? Se bem que o negócio hoje é velocidade... já tentou de 4G? Aliás outro dia eu li no HA-HA-HA 9gag que tem gente entrando na nóia de sentir o Galaxy XYZ<sup>3</sup> vibrar no bolso sem estar com ele...ligado porque acabou a bateria, é claro, afinal, você não seria LOUCO de sair de casa sem a coleira né? Parece que é uma doença mesmo, o processo químico no sistema operacional chamado cérebro é o mesmo que ocorre em pessoas amputadas que perderam seus membros e ainda os sentem pulsando ou doendo.

Mas Ah! Agora satisfaço aqueles à quem a carapuça serviu. Estou tão fodido quanto nós, só que eu não sei fazer memme, nem editar nada nem planilha no Excel... mas é como disse o pensador "Todas as pessoas são hipócritas, negar isso só comprova minha teoria". Bom, agora vamos ao que interessa...quantas curtidas esse texto vai ter?

- Guilherme Souza (Morre Diabo) - Relações Internacionais, 4º ano

## Boletim de Política Interna e Qualidade de Ensino

Dando continuidade ao trabalho da gestão anterior, o Centro Acadêmico está comprometido com o enfrentamento do panorama problemático de nossa Universidade, sofrido principalmente pela classe discente. A crise de representatividade tem como protagonista o sistema “70% 15%15%”, ou seja, o poder de voz dos alunos (e servidores) é quase 5 vezes menor do que dos docentes. Esta disparidade é apenas mais uma das ferramentas institucionais que anulam as demandas estudantis, caso agravado ainda mais pela abundância de retaliações ocorridas contra o movimento estudantil.

Tendo em vista o calendário votado em Congregação, a representação discente, através de deliberação em assembleia estudantil, ficou encarregada de realizar pedidos de esclarecimento acerca das ausências dos docentes, para que a reposição de aulas seja feita com eficiência e os alunos não tenham nenhum déficit nas matérias. Na reunião do Departamento de Direito Público, os Professores José Carlos e José Duarte apoiaram tal moralização em relação aos professores.

### DEPARTAMENTO DE DIREITO PÚBLICO (Reuniões ocorridas em 11/12/2014 e 11/02/2015)

- Discussão sobre a reestruturação do curso de Direito, com proposta apresentada pelo Prof. Dr. José Carlos de construir debates com alunos para que possam ser estruturadas a vertente do curso e, posteriormente, sua matriz. O Prof. Dr. José Duarte mostrou-se resistente à mudança, mostrando como maior limitação o impedimento de realizar novas contratações.

- Discussão acerca das matérias optativas levantada pela Prof.<sup>a</sup> Jete Jane, a qual sugeriu que as matérias fossem divididas em tópicos, os quais seriam abordados em aula por diferentes docentes.

- Foi levantada pelo Prof. Dr. José Carlos, a proposta de implementação de uma “lei de transparência”, que consiste na divulgação de receitas e relatórios dos gastos da faculdade para se discutir onde as verbas são empregadas e como poderiam ser remanejadas.

### DEPARTAMENTO DE DIREITO PRIVADO (Reuniões ocorridas em 18/12/2014 e 23/02/2015)

- Foi discutida a composição da Comissão de reforma de grade, de estrutura paritária, havendo indicação de docentes, como será apresentado aqui posteriormente no tópico “Conselho de Curso”.

- Pedido de transferência da Prof. Dr.<sup>a</sup> Kelly Cristina Canela para o campus de São João da Boa Vista, por motivos familiares.

- O Prof. Dr. Luiz Hentz apresentou dois requerimentos ao conselho departamental: o primeiro pedindo Licença-Prêmio a partir de 24/03/2015, por 90 dias e o segundo pedindo dois anos de licença não-remunerada após a Licença-Prêmio, com a intenção de aposentar-se após as licenças. A representação discente retomou o assunto das faltas do professor. Foi proposto, então, que fosse feita uma revisão mais longa da matéria antes da prova da trigésima turma. Frisamos aqui que os argumentos do professor em relação às ausências foram insuficientes à representação discente (mais informações na página Representação Discente Direito, no Facebook).

### CONSELHO DE CURSO (Reuniões ocorridas em 01/12/2014, 14/01/2015 e 04/03/2015)

- Foi eleito coordenador do Conselho de Curso, com mandato de 2 anos, o Prof. Dr. José Carlos de Oliveira. A eleição foi realizada no dia 01/12/2014, com o seguinte resultado: 5 votos para o Prof. Dr. José Carlos e 4 votos para a Prof. Dra. Ana Gabriela. Destacamos aqui que os 5 votos destinados à candidatura de José Carlos foram de docentes (Luciana Canavez, Victor Hugo, Fernando Fernandes e Paulo Borges), enquanto TODOS os representantes discentes destinaram seus votos à Prof. Dra. Ana Gabriela, deixando clara a divergência de interesses.

- Foi formada a comissão de reforma de grade, composta por alunos e os seguintes docentes:

- DDPriv: Prof. Dr. Victor Hugo de Almeida, Prof. Dr. Carlos Eduardo de Abreu Boucault e Profa. Dra. Luciana Lopes Canavez;

- DECSPP: Prof. Dr. Genaro Alvarenga Fonseca, Profa. Dra. Hilda Maria Gonçalves da Silva e Prof. Dr. Agnaldo de Sousa Barbosa;

- DDPb: Prof. Dr. Paulo César Corrêa Borges, Profa. Dra. Ana Gabriela Mendes Braga, Profa. Dra. Jete Jane Fiorati e Prof. Dr. José Duarte Neto.

Tendo, ainda, o Prof. Dr. João Virgílio Tagliavini na categoria de colaborador.

## Abaixo-Assinado pela Revogação das 17 expulsões na UNESP - Araraquara!

No ano de 2014 estudantes, professores e trabalhadores da USP, UNESP e UNICAMP realizaram uma luta contra a precarização da educação, o congelamento dos salários e as condições de permanência de estudantes na universidade. Em Araraquara o corpo estudantil, em assembleia da moradia estudantil e em assembleia geral, deliberou por ocupação da direção contra 38 expulsões da moradia estudantil, ampliação da política de permanência estudantil e outros. Desta luta foi aberto processo de sindicância contra 17 estudantes e a direção da unidade com aval da reitoria da UNESP decidiu pela pena de EXPULSAO DA UNIVERSIDADE.

No processo constam 14 estudantes presos durante processo de reintegração de posse e outros 3 estudantes que não estavam na reintegração e foram escolhidos para também serem punidos. O delegado de Polícia do 2º DP de Araraquara, o Promotor de Justiça e também o Juiz que avaliou o processo judicial contra a ocupação decidiram pelo arquivamento do processo devido a inexistência de provas que incriminasse qualquer estudante. O próprio processo interno à UNESP é extremamente falho, pois em recente decisão em suspender por 60 dias cerca de 80 estudantes da UNESP, mais do que a metade deles conseguiram já decisão

liminar em 1ª instância pedindo a anulação do processo e também um estudante entre os expulsos conseguiu liminar para poder realizar suas atividades de fim de semestre. Estes elementos demonstram o caráter antidemocrático deste processo e que tem objetivo puramente repressivo.

Não podemos permitir esta ação contra uma luta de um setor por seus direitos e necessitamos reverter este processo para que estes atos de repressão não se estenda a outros setores em luta!

Nós, que abaixo assinamos, pedimos pela imediata revogação das 17 expulsões da UNESP!

Para assinar envie um e-mail para:  
[expulsosunespararaquara@gmail.com](mailto:expulsosunespararaquara@gmail.com)

- DCE “Helenira Resende”



- Estudantes da UNESP Franca